

II - Identidade e Património

A identidade ibérica - pluralidade de culturas

II - Identidade e Património

A identidade ibérica - pluralidade de culturas ¹

«A identidade não se compartimenta, não se reparte em metades, nem em terços, nem se delimita em margens fechadas (...)» ²

«A identidade não é algo que nos seja entregue na sua forma inteira e definitiva; ela constrói-se e transforma-se ao longo da nossa existência(...)» ³

Se é certo que existe uma “identidade” ibérica, esta, para nós, só fará sentido como sendo todo o conjunto das múltiplas culturas que a formaram (e formam). No entanto, para estabelecer cada um desses contributos e em que medida terão eles contribuído para a formação dessa identidade, teremos forçosamente que começar por perguntar: O que será então a “identidade” de uma determinada comunidade, tribo ou grupo de pessoas?...

Talvez uma aproximação possível seja aquela que sugere Amin Malouf ao constatar que quanto maior é o número de pertenças, de influências, de relações com outros povos e culturas, que são tidas em conta, mais específica se revela a própria “identidade”. Neste sentido, poderemos então afirmar que a riqueza cultural será então tanto maior quanto mais específica se mostrar a identidade. No entanto o que se verifica geralmente é uma necessidade latente, que existe por parte da comunidade (e sobretudo do poder), de valorizar e mesmo “cristalizar” uma determinada época, determinadas influências, ou seja, precisamente uma parte apenas de toda a diversidade daquilo que será, no fundo, o todo constituinte dessa própria “identidade”.

Assim, acontecerá também que, consoante a comunidade valorize mais este ou aquele aspecto, tenderá a valorizá-los em detrimento de outros, acontecendo por vezes que tente mesmo destruí-los, escondê-los ou minimizá-los, ou que se proponha mesmo “apagá-los”. Será disso exemplo, o que aconteceu com o período árabe do espaço ibérico, agora português, até praticamente aos tempos actuais. Ainda hoje temos sérias

¹ CERVEIRA PINTO, Manuel - *Questões de Identidade e Património*, [baseado no texto inédito]

² MALOUF, Amin - *As Identidades Assassinas*, pág. 10

³ MALOUF, Amin - *As Identidades Assassinas*, pág. 33

dificuldades em aceitar a herança árabe, a influência da cultura berbere, as afinidades evidentes com os povos árabes, do Magrebe e do Norte de África.

A própria noção de “*preservação da identidade cultural*”, tal como é geralmente apresentada, hermética e cristalizada, não é de todo inocente e pode inclusive gerar grandes equívocos. De facto, desta forma, nem sequer será possível preservar qualquer espécie de “*identidade cultural*”, na medida em que esta será, na realidade, constituída precisamente pela relação dicotómica com “*o outro*”.

Ou seja: se partirmos do princípio que “*o que determina a pertença de uma pessoa num dado grupo é, essencialmente, a influência de outrem; a influência dos que lhe são próximos - pais, companheiros, correligionários - que tentam apropriar-se dele e a influência dos que estão do outro lado, e procuram excluí-lo*”⁴, logo não será possível preservar, em absoluto, a identidade cultural porque esta estará sempre em permanente mutação, e se isto é verdadeiro para o indivíduo o mesmo sucederá também para uma comunidade, povo ou país.

No entanto, malgrado não seja difícil entender esta premissa, o que sucede actualmente na Europa é que hoje, mais que a própria massificação e “globalização” são os movimentos migratórios (que sempre aconteceram, são próprios da humanidade e estão na origem das várias identidades) que acabam por ser o bode expiatório da destruição de pretensas “identidades culturais”. “*As sociedades ocidentais, tão orgulhosas do seu espectacular nível de vida que nem ousavam confessar a si mesmos a que ponto a sua vida se enovelava sob a pressão do lucro, escondem-se num temor tanto mais ridículo que receiam menos não ser coisa nenhuma que terem de ser outra coisa.*”⁵

Com tudo isto cresce a intolerância, o reafirmar de nacionalismos e regionalismos bacocos e serôdios. Nega-se “*o outro*”, a influência das outras culturas, da possibilidade de troca e de enriquecimento. Nega-se assim, também, uma parte substancial da própria identidade cultural, ao mesmo tempo que, inversamente, cresce o sentimento anti-europeu e anti-ocidental, por parte dos outros povos e culturas.

Assim, somos também levados a concordar com Samir Amin quando afirma que “*a recusa a aceitar e compreender a dimensão universal da cultura que a mundialização real iniciada pelo capitalismo impôs já - apesar do carácter contraditório desta mundialização cujas vítimas são os povos da periferia - e o*

⁴ MALOUF, Amin - *As Identidades Assassinas*, pág. 34/35

⁵ VANEIGEM, RAOUL - *A economia parasitária*, pág. 57

*desenvolvimento de um nacionalismo culturalista negativo anti-ocidental sem mais - e com frequência neurótico - não constituem o germe possível de uma resposta eficaz.”*⁶

Obviamente a “identidade” será sempre um factor a ter em conta quando se fala de preservação do património cultural, porém será necessário haver um grande cuidado para que não hajam partes dessa “identidade” que sejam subestimadas ou mesmo omitidas. Por outro lado e tendo em conta que a “identidade” está sempre em transformação e construção, teremos imperiosamente que deixar em aberto a possibilidade de que o próprio património se modifique, se transforme, se adapte e valorize.

Se é certo que «...nós, Ibéricos, somos o cruzamento de duas civilizações - a romana e a árabe...»⁷, não será menos certo que o seremos também de muitas outras, não menos significativas ou importantes, tais como os Visigodos; os Fenícios; os Celtas; os Cartagineses; os Judeus; os Gregos; os Vikings; os Africanos; os Berberes; etc...

Centralismo cultural e ditadura do gosto

*“A ignorância dos outros e a desconfiança em relação a eles e até o chauvinismo e a xenofobia são apenas a prova dos limites da evolução de todas as sociedades até aos nossos dias.”*⁸

A noção de património exprimirá sempre o mesmo conceito?

De facto a resposta a esta questão pressupõe sempre uma grande ginástica intelectual e um grande esforço de libertação dos ditames culturais que nos envolvem e se encontram profundamente enraizados na sociedade ocidental e que gostamos de ver como modelo civilizacional.

Obviamente que a noção de património nem sempre exprime o mesmo conceito. Há uma multiplicidade de factores que pesam na consagração de um qualquer valor patrimonial. Poderemos nós dizer que sociedades (em extinção) como os índios Bororós da Amazónia, terão valores patrimoniais menores ou inferiores aos de qualquer país ocidental?... O consumir de um rito ancestral não será para eles tão importante quanto uma catedral ou uma estátua para nós?... A resposta parece óbvia. No entanto se para nós não nos parece estranho que a determinada altura os índios da Amazónia ergam catedrais em plena selva, já o mesmo não se poderá dizer se num qualquer país europeu

⁶ AMIN, SAMIR - *O eurocentrismo, crítica de uma ideologia*, pág. 235

⁷ PESSOA, Fernando - *Da Ibéria e do Iberismo*, in ALVES, Adalberto - *A herança árabe em Portugal*, pág. 25

⁸ AMIN, SAMIR - *O eurocentrismo, crítica de uma ideologia*, pág. 107

as pessoas resolverem adoptar ritos ancestrais desses mesmos índios. O etnocentrismo encontra-se tão enraizado que nem damos por ele.

Na realidade o que muda são apenas os factores de referência relativos à própria cultura, que desta forma, quer num caso, quer noutro irão adquirir novas cambiantes. Para um habitante de Samoa os valores culturais e patrimoniais de referência são obviamente diferentes daqueles para um habitante de Paris ou Lisboa. No entanto, se compararmos um habitante de Lisboa e um outro, de uma qualquer aldeia de Trás-os-Montes ou Alentejo, verificaremos precisamente o mesmo, e assim sucessivamente, até chegarmos ao indivíduo.

Desta forma, o papel das pequenas comunidades, e mesmo do indivíduo, terá que ser forçosamente cada vez mais importante, e determinante, para estabelecer o que irá ser considerado património cultural, enquanto objecto representativo dessa comunidade, e enquanto legado a deixar às gerações vindouras. De facto é hoje, mais do que nunca, necessário *“agir localmente e pensar globalmente”*⁹

Novas formas de olhar o mundo

*“Porque é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas suas pertenças mais estreitas e é também o nosso olhar que tem o poder de os libertar”*¹⁰

*“...a mais óbvia forma de barbárie: a falta de respeito pelo estrangeiro.”*¹¹

Sem dúvida que actualmente são necessárias, urgentes, novas formas de “olhar o mundo”. O modelo ocidental ou eurocêntrico, encontra-se completamente esgotado, tornou-se predador e incompatível com uma visão do mundo onde coabite a diversidade cultural. Desta forma não terá sentido continuarmos a lutar pela preservação do património aqui, quando o estamos a destruir do outro lado do mundo. A noção de globalização impõe também uma nova forma “global” de olhar, e apreciar, o próprio património.

Classificamos a floresta laurissilva da ilha da Madeira e destruimos a Amazónia... Apesar da barbaridade talvez haja algo a reter na destruição dos “Budas” do Afeganistão pelos Taliban... Para além da provocação implícita ao ocidente (a que não será alheia também uma certa hegemonia cultural do ocidente), para além do “fundamentalismo”, barbaridade e prepotência demonstrados, talvez devêssemos fazer

⁹ VANEIGEM, RAOUL - *A economia parasitária*, pág. 94

¹⁰ MALOUF, Amin - *As Identidades Assassinas*, pág. 31

¹¹ MERNISSI, Fatema - *O Harém e o ocidente*, pág. 22

uma reflexão mais profunda. Serão as estátuas de pedra, memória de um tempo extinto, mais importantes que as próprias pessoas vivas, que os seus ritos, as suas crenças, a sua língua?... Não será de facto um contra-senso a preocupação demonstrada com simples estátuas quando comunidades inteiras (portadoras de riquezas iguais ou maiores) se encontram à beira da extinção.

Porque nos preocupamos tanto com a destruição dos Budas e praticamente omitimos o facto de estarem em vias de desaparecer cerca de 70 comunidades indígenas do mundo?... Não será um paradoxo que ao mesmo tempo que classificamos um conjunto de estátuas como Património Mundial condenemos à extinção comunidades inteiras?...

Mais uma vez parece haver aqui também um enorme fosso cultural, uma barreira civilizacional, que nos tolhe a visão moldada por séculos de etnocentrismo. A cultura para nós ocidentais, continua a estar irremediavelmente ligada às “grandes construções” da humanidade e embora nos últimos tempos se tenha tentado de alguma forma modificar esta visão (classificando paisagens, áreas naturais, construindo ecomuseus, etc.), o facto é que ela prevalece. O nosso olhar continua ainda a “aprisionar os outros” e mais grave ainda, a votá-los ao desprezo e mesmo à extinção. Num mundo em que “*a economia fez o homem à imagem da mercadoria*”¹² cabe-nos, em primeira instância, deixarmos de ser meros objectos de consumo...

Claro que não defendemos uma qualquer redoma de vidro para preservar “as características” ou a “identidade cultural” (mais uma vez) dessas comunidades. Antes bem pelo contrário, pensamos que só havendo, de facto, uma verdadeira troca recíproca de influências se poderá fazer alguma coisa. As possibilidades de sobrevivência aumentarão quanto maior e mais equitativa for a troca cultural e portanto, como vimos atrás, o reforço da própria identidade cultural de todas as comunidades.

Quanto ao al-Ândalus, temos a convicção plena de que terá sido graças a esta visão ampla, a esta aceitação do “outro”, à tolerância demonstrada pelos seus governantes na época de ouro do califado, na amena convivência e mestiçagem entre as várias culturas e religiões, em que é muito difícil de qualificar personalidades como Averróis “(...) (*Ibn-Rochd*) *de muçulmano, Maimónides de judeu e Tomás de Aquino de cristão, conscientes de que só assim poderão aprender uns com os outros sem reticências*”¹³, que terá sido possível alcançar um tão grande apogeu civilizacional.

¹² VANEIGEM, RAOUL - *A economia parasitária*, pág. 45

¹³ AMIN, SAMIR - *O eurocentrismo, crítica de uma ideologia*, pág. 134